


**DO CÍRCULO DE BAKHTIN À SALA DE AULA: GÊNEROS DISCURSIVOS E TEXTUAIS NO ENSINO CONTEMPORÂNEO**

**FROM THE BAKHTIN CIRCLE TO THE CLASSROOM: DISCURSIVE AND TEXTUAL GENRES IN CONTEMPORARY EDUCATION**

**DEL CÍRCULO DE BAKHTÍN AL AULA: GÉNEROS DISCURSIVOS Y TEXTUALES EN LA EDUCACIÓN CONTEMPORÁNEA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-096>

**Data de submissão:** 09/08/2025

**Data de publicação:** 09/09/2025

**Patrícia Cristina de Oliveira Duarte**

Doutora em Estudos da Linguagem

Instituição: Universidade Estadual de Londrina (UEL)

E-mail: patriciaoliveira@uenp.edu.br

**Luiz Antonio Xavier Dias**

Doutor em Estudos da Linguagem

Instituição: Universidade Estadual de Londrina (UEL)

**Ederson da Paixão**

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação,

Mestrado Profissional em Educação Básica

Instituição: Universidade Estadual do Norte do Paraná (PPed/UENP)

E-mail: ederson.qtg@gmail.com

**Diego Henrique Barroso**

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado Profissional em

Educação Básica

Instituição: Universidade Estadual do Norte do Paraná (PPed/UENP)

E-mail: diegohenrique12121991@gmail.com

**Daniel Barbosa Souza**

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação,

Mestrado Profissional em Educação Básica

Instituição: Universidade Estadual do Norte do Paraná (PPed/UENP)

E-mail: danielbarbosasouz4@gmail.com

**Susana Ronchi Hespanhol**

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação,

Mestrado Profissional em Educação Básica

Instituição: Universidade Estadual do Norte do Paraná (PPed/UENP)

E-mail: susana\_hespanhol@hotmail.com

---

**RESUMO**

Este artigo discute a trajetória do conceito de gênero, desde a tradição clássica até os estudos contemporâneos, com destaque para as contribuições do Círculo de Bakhtin. A análise focaliza a

ampliação do conceito de gênero literário para gênero discursivo, a distinção entre gêneros discursivos e gêneros textuais e a constituição dos gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados. Ao examinar as concepções teóricas de Bakhtin e seus interlocutores, bem como as apropriações no campo da Linguística Aplicada, busca-se compreender a relevância da noção de gênero para o ensino e para as práticas sociais de linguagem. A pesquisa, de caráter bibliográfico e documental, evidencia o papel dialógico e histórico dos gêneros na organização da comunicação humana.

**Palavras-chave:** Bakhtin. Gêneros Discursivos. Gêneros Textuais. Linguística Aplicada. Ensino de Língua.

#### **ABSTRACT**

This article discusses the trajectory of the concept of genre, from classical tradition to contemporary studies, highlighting the contributions of the Bakhtin Circle. The analysis focuses on the expansion of the literary genre into discursive genre, the distinction between discursive and textual genres, and the constitution of genres as relatively stable types of utterances. By examining the theoretical perspectives of Bakhtin and his interlocutors, as well as their appropriations within Applied Linguistics, the study aims to understand the relevance of the genre notion for teaching and for social language practices. This bibliographic and documental research underscores the dialogical and historical role of genres in organizing human communication.

**Keywords:** Bakhtin. Discursive Genres. Textual Genres. Applied Linguistics. Language Teaching.

#### **RESUMEN**

Este artículo analiza la trayectoria del concepto de género, desde la tradición clásica hasta los estudios contemporáneos, con énfasis en las contribuciones del Círculo de Bajtín. El estudio se centra en la ampliación del concepto de género literario hacia género discursivo, en la distinción entre géneros discursivos y géneros textuales y en la constitución de los géneros como tipos relativamente estables de enunciados. Al examinar las concepciones teóricas de Bajtín y sus interlocutores, así como sus apropiaciones en el ámbito de la Lingüística Aplicada, se busca comprender la relevancia de la noción de género para la enseñanza y para las prácticas sociales del lenguaje. La investigación, de carácter bibliográfico y documental, resalta el papel dialógico e histórico de los géneros en la organización de la comunicación humana.

**Palabras clave:** Bajtín. Géneros Discursivos. Géneros Textuales. Lingüística Aplicada. Enseñanza de Lengua.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde a disseminação dos estudos do Círculo de Bakhtin<sup>1</sup>, no mundo ocidental, as pessoas buscam, nos conceitos bakhtinianos, aquilo que lhes interessa. No Brasil, isso não foi diferente. Frente a um ensino desgastado de língua materna, rechaçado e levado por ventos de diferentes concepções teórico-metodológicas, o discurso pedagógico vislumbrou, nas teorias do Círculo de Bakhtin, “uma luz no fim do túnel”. Em virtude disso, nos anos finais da década de 1990, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN –, fortaleceu-se o *casamento* da referida teoria e o ensino<sup>2</sup>, apropriando-se, sobretudo, do conceito de gênero discursivo.

Nesse sentido, não é de hoje que estudiosos da linguagem debruçam-se sobre a definição de *gêneros discursivos* trazida pelos teóricos do Círculo de Bakhtin, notadamente, no texto *O problema dos gêneros do discurso*, integrante de *Estética da Criação Verbal*. No bojo dessas discussões, nem todos os pesquisadores diferenciam *gêneros discursivos* e *gêneros textuais*; alguns empregam um termo em detrimento do outro, havendo quem os considere sinônimos, tratando-se apenas de flutuação terminológica.

Refletindo sobre os problemas enfrentados para a consolidação do ensino de *gêneros* na escola brasileira, Machado e Cristóvão (2006) ressaltam que o conhecimento sobre os gêneros, no final da década de 1990, momento da elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) “se não era incipiente, não era – nem é – consensual em nossa comunidade científica”. (MACHADO; CRISTÓVÃO, 2006, p. 553). Problemas que, na verdade, decorridos dezessete longos anos, persistem: ensinar gêneros discursivos ou gêneros textuais? Quais as diferenças entre um e outro? Qual linha teórica seguir, no afã de alcançar um ensino mais produtivo? Se estas e tantas outras questões ainda assombram os professores da educação básica, que dizer dos professores em formação inicial?

<sup>1</sup> Círculo de Bakhtin é uma expressão adotada, na contemporaneidade, para designar a obra de um grupo de intelectuais que, segundo diversos autores, (BRAIT, 2009; CLARK e HOLQUIST, 2009; FARACO 2009; FIORIN, 2008; PAULA E STAFUZZA, 2010; PAULA, 2013; ROJO, 2005; TODOROV, 1979) teriam se reunido, com regularidade, na sombria Rússia do século XX, sobretudo nas décadas de 20 e 30, nas cidades de Nevel, Vitebsk e Leningrado, em meio às turbulências da Revolução Socialista, para estudos/discussões sobre questões relacionadas, principalmente, à arte, filosofia e linguagem. Participavam do grupo, dentre outros, o filósofo Matvei Iassáévitch Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpianski, o estudioso de literatura e linguística Valentin N. Voloshinov, o jornalista literário Pável N. Medvedev e o estudioso de literatura Mikahil M. Bakhtin. Dentre eles, os três últimos são os responsáveis pela obra de maior relevância, sendo Bakhtin apontado como o líder e expoente de maior produção. Faraco (2009, p. 13) resalta que a “denominação foi lhes atribuída a posteriori pelos estudiosos de seus trabalhos, já que o próprio grupo não a usava”. Para ele e demais autores arrolados anteriormente, a escolha do nome de Bakhtin é plenamente justificável, já que, dentre todos, foi quem produziu a obra de maior envergadura.

<sup>2</sup> De acordo com Rojo (2008), apesar de não haver indicação explícita das fontes dos conceitos de gêneros abordados nos PCN, não é difícil reconhecer vestígios do pensamento do Círculo de Bakhtin e da proposta didática dos pesquisadores da Universidade de Genebra – as seqüências didáticas (DOLZ; SCHNEUWLY; NOVERRAZ, 2004).

Diante do exposto, nossa intenção, neste trabalho, é desencadear reflexões a respeito do conceito de gênero e dos termos *gêneros discursivos* e *gêneros textuais*, bem como sua aplicabilidade nos campos de estudo da linguística contemporânea. À luz da Linguística Aplicada (LA), de forma inter/transdisciplinar (MOITA LOPES, 2006), a pesquisa, de cunho bibliográfico e documental, parte do acervo deixado pelos teóricos do Círculo de Bakhtin e de trabalhos de seus caudatários.

O artigo divide-se em três seções, assim constituídas: i) a ampliação: de gênero literário a gênero discursivo; ii) gênero discursivo ou gênero textual?; iii) constituição e funcionalidade dos *tipos relativamente estáveis* de enunciado. A finalidade do presente texto, portanto, é contribuir com discussões sobre o tema, lançando luzes às reflexões empreendidas.

## 2 A AMPLIAÇÃO: DE GÊNERO LITERÁRIO A GÊNERO DISCURSIVO

Segundo Morson e Emerson (2008) e Brandist (2012), na obra *Discurso na vida e discurso na arte*, de 1926, Voloshinov/ Bakhtin (1976)<sup>3</sup>, contrastando enunciados artísticos a enunciados da vida realmente vivida, constataram que, apesar de possuírem semelhanças, os enunciados, por pertencerem a *campos* distintos, apresentavam características particulares, determinantes para a construção dos sentidos. Compreensão esta essencial para a elaboração do conceito de gênero do discurso, desenvolvida, primeiramente, por Medvedev/Bakhtin (2012)<sup>4</sup>, no livro *O método formal nos estudos literários*, de 1928. Por meio da crítica ao formalismo russo, os autores observaram que os gêneros não se restringiam a formas artísticas convencionais, fixas e imutáveis, propiciando, então, a grande virada do Círculo relacionada ao conceito de gêneros.

Em Marxismo e filosofia da linguagem, de 1929, Volochinov/Bakhtin (1992), ao versar sobre enunciação, fazem referência a tipos e formas de discurso, denominando-os “gêneros linguísticos”. Todavia, é em *O discurso no romance*, de 1934, que, por meio do estudo da prosa romanesca, aliada a outras categorias, como, por exemplo, cronotopo e plurilinguismo, que Bakhtin (1993) aprofunda o conceito de gênero discursivo. Conceito retomado e aprimorado no texto *Os gêneros do discurso*, de 1952-1953. Conforme se pode perceber “[...] Bakhtin desenvolveu ideias de colegas já falecidos e seu próprio trabalho sobre o romance em uma teoria geral dos gêneros discursivos” (BRANDIST,

<sup>3</sup> Caso Volochinov seja, de fato, o único autor do texto em pauta, o teórico teria dado o primeiro passo rumo à ampliação do conceito de gênero literário. No entanto, é preciso destacar que, em *Arte e responsabilidade*, de 1919, primeiro texto publicado de Bakhtin, encontram-se esparsas referências ao conceito de esfera de atividade, categoria essencial para a compreensão do conceito de gênero do discurso.

<sup>4</sup> Faraco (2009), por considerar a autoria de acordo com os nomes da primeira publicação, atribui o texto apenas a Medvedev. Logo, considera que o teórico foi o grande responsável pela virada do Círculo em relação à forma de conceber os gêneros.

2012, p. 76). Trata-se, portanto, de um conceito laborado, de forma colaborativa, ao longo de muitos anos.

De acordo com Bakhtin (1993), o cronotopo<sup>5</sup> é a porta de entrada para o estudo dos gêneros, uma vez que ele constitui o centro organizador dos acontecimentos espaço-temporais. Nas palavras do teórico, a dialética explicação:

À interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura, chamaremos *cronotopo* (que significa “tempo-espaço”). Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). Não é importante para nós esse sentido específico [...] assim o transportaremos daqui para a crítica literária quase como uma metáfora; [...] nele é importante a expressão de indissolubilidade de espaço e tempo. (BAKHTIN, 1993, p. 211, grifo do autor).

O filósofo da linguagem defende a relevância do cronotopo para o estudo dos gêneros, em especial, da esfera literária, assinalando que, “no cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto [...] Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo”. (BAKHTIN, 1993, p. 211). Machado (2005) explica que, na arquitetura bakhtiniana, o termo refere-se, indissociadamente, a um espaço social e a um tempo histórico. Nesse prisma, a autora assinala que a categoria pode ser entendida como:

[...] uma metáfora conceitual que sustenta o edifício teórico de Bakhtin e que contribui para a compreensão das transformações do espaço-tempo não apenas no âmbito da semiose verbal. Cronotopo se firmou como uma categoria que define não apenas o continuum espaço-tempo, mas a semiose de diferentes sistemas de signos que enfrentam a difícil tarefa de representar a continuidade da experiência por meio de signos discretos da cultura. Da semiose verbal de onde emerge, o cronotopo orienta a compreensão da comunicação na cultura de sistemas audiovisuais, audiotáteis e dos sistemas virtuais que constroem as relações de espaço-tempo em composições arquitetônicas imprevisíveis, desafiando todo nosso conhecimento sobre as condições da própria natureza humana. *O cronotopo é uma forma de compreensão da experiência*. (MACHADO, 2010, p. 212, grifo meus).

Consoante argumentação da pesquisadora, o cronotopo é uma forma de compreensão da experiência humana, efetivada por meio de signos ideológico-culturais. A ele cabe, portanto, a função de indicar o lugar social e o tempo históricos da realização do gênero. Por meio do cronotopo, então, é possível desvelar a imagem de homem que subjaz a cada gênero do discurso. Sob tal enfoque, para compreender a ampliação do conceito de gênero literário em gênero discursivo, é preciso elucidar os indícios espaciais e temporais, o social e o histórico, envolvidos no processo.

---

<sup>5</sup> Bakhtin apresenta a noção de cronotopo, principalmente, nos textos: “O cronotopo em Rabelais” (1993) e “O tempo e o espaço nas obras de Goethe” (2003).

Antes do século XVIII, quase tão somente a poesia despertava o interesse dos teóricos da literatura, que “entendiam por poesia a lírica, a épica e o drama.” (MOISÉS, 2006. p. 19). Nesse contexto, a epopeia, vista como gênero erudito, lograva expressivo prestígio. Ela era a expressão da aristocracia, exigindo leitores dotados de amplos conhecimentos. Nos séculos XV e XVI, entretanto, o Velho Mundo, responsável pela consagração da epopeia, assistia a uma ampliação no domínio da prosa literária: o romance, a novela e o conto. Dentre essas diferentes manifestações da prosa, o romance é, segundo Bakhtin (1993), o responsável por introduzir expressivas contribuições ao estudo dos demais gêneros, corroborando amplamente a ampliação do próprio conceito de gênero. Dada sua relevância, faz-se necessário resgatar algumas considerações sobre o gênero.

Em *Epos e romance*, escrito em 1941, publicado em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, Bakhtin (1993) postula que o romance opera um corte na linearidade épica<sup>6</sup>, instaurando o devir, o vir-a-ser: a evolução. Evolução esta que contrasta com a conclusão absoluta do mundo épico, no qual há “nenhum lugar para o inacabado, para o que não está resolvido, nem para a problemática. Nele, não são permitidas quaisquer passagens para o futuro; ele se satisfaz a si mesmo, não pressupõe nenhum prolongamento e nem precisa dele.” (BAKHTIN, 1993, p. 408). Mais adiante, o teórico acentua o caráter conclusivo e fechado da epopeia, afirmando que “o mundo épico é totalmente acabado, não só como evento real de um passado longínquo, mas também no seu sentido e no seu valor: não se pode modificá-lo, nem reinterpretá-lo, e nem reavaliá-lo.” (BAKHTIN, 1993, p. 409). Para o teórico:

[...] o mundo épico é isolado da contemporaneidade, isto é, do tempo do escritor (do autor e dos seus ouvintes), pela distância épica absoluta [...] O mundo da epopéia é o passado heróico nacional, é o mundo das “origens” e dos “fastígios” da história nacional, o mundo dos pais e ancestrais, o mundo dos “primeiros” e dos “melhores” [...] A epopéia jamais foi um poema sobre o presente, sobre o seu tempo. A epopéia, como gênero definido e notório, desde o seu início foi um poema sobre o passado, e a orientação do autor (ou seja, a diretiva do articulador do discurso épico), a qual é imanente e constitutiva da epopéia, é a orientação de uma pessoa que fala sobre o passado inacessível, a disposição devota de um descendente. (BAKHTIN, 1993, p. 405)

Ainda, segundo o autor, a epopeia não é apenas algo criado há muito tempo, mas um gênero profundamente envelhecido, que não mais corresponde à realidade do Novo Mundo, dos tempos

<sup>6</sup> Em *A Teoria do romance*, escrito entre 1914 e 1915, Georg Lukács assegura que “o romance é a epopeia de uma era para qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para qual a imanência do sentido à vida se tornou problemática” (LUKÁCS, 2009, p. 55). Para o autor, os gêneros devem ser compreendidos frente ao contexto sócio-histórico no qual eles se engendraram; logo, a epopéia não é o gênero mais adequado para representar o homem do século XX, mas, sim, o romance, uma vez que a totalidade do mundo grego transformou-se, com o surgimento das novas correntes filosóficas, em uma estrutura desequilibrada e incoerente, não podendo mais ser representada pela epopeia. Contrastando o mundo grego com a modernidade, Lukács apontou para o fato de que formas literárias, os gêneros, surgem de necessidades histórico-sociais.

modernos. O homem, que buscava nos deuses as soluções para seus problemas e explicações para suas angústias, agora, renovado no grande tempo, busca, na razão, respostas para sanar suas dúvidas em relação ao novo mundo, complexo e vasto. Evidenciando a importância do romance, como expressão desse novo homem, Bakhtin (1993, p. 398) declara: “o romance não é simplesmente mais um gênero ao lado dos outros. Trata-se do único gênero que ainda está evoluindo no meio de gêneros já há muito formados e parcialmente mortos.” Ao contrário da epopeia, o romance é um gênero de problemas, em constantes transmutações.

Dessa perspectiva assoma a percepção de que, da mesma forma, como a epopeia se fortaleceu, sagrando-se representativa da aristocracia do Velho Mundo, o romance, antes bastardo, tornou-se legítimo representante do burguês em ascensão, homem moderno, homem em transição. Torna-se contundente, portanto, a proposição bakhtiniana sobre a intrínseca relação entre arte e vida social, bem como a relativa estabilidade e contínua mutabilidade dos gêneros. Eles nascem, vivem e morrem emparelhados às necessidades enunciativas da sociedade. Corroborando tal assertiva, Fowler (1974) fala sobre “morte” de formas literárias, aludindo aos gêneros que deixaram de ser lidos, tais como a epopeia, que, segundo ele, “vive” apenas para os estudiosos do gênero (ou para pobres alunos forçados a ler textos além de sua compreensão), que, a nosso ver, pelos olhos de Bakhtin, não podem, de fato, serem considerados interlocutores, no sentido que o termo possui para os teóricos do Círculo.

Não obstante essa aparente “morte”, pelo prisma dialógico bakhtiniano, não há “morte”, no sentido pleno da palavra, já que um gênero, mesmo que não mais seja produzido ou lido, permanece vivo e latente em outros gêneros que nele/dele se constituíram; em cada contrapalavra lançada, o gênero revigora-se e renasce, num constante devir: dialogismo. Não há morte plena, há constantes transmutações. No texto *Os gêneros do discurso*, Bakhtin (2003), ao tecer considerações sobre gêneros primários e secundários, afirma e reafirma a constante transmutação dos gêneros e a assimilação de um gênero por outro, dando origem a novos gêneros.

Voltando ao romance, entendemos que a análise aprofundada do gênero permitiu que os teóricos do Círculo operassem uma ampliação no conceito de gênero. Brait (2005) assinala que os estudos de Bakhtin sobre o romance moderno foram instrumentos para a fundamentação da mudança de olhar para esse gênero, afastando-o de aspectos puramente literários e fixos, para aproximá-lo das características discursivas e enunciativas dos gêneros, no caso gêneros discursivos, não limitados à tríade literária, amplamente defendida por Platão e Aristóteles, dentre outros importantes nomes dos estudos literários. A “emergência da prosa passou a reivindicar outros parâmetros de análise das formas interativas que se realizam pelo discurso” (MACHADO, 2005, p.152).

A importância do romance para o estudo dos gêneros avulta, sobretudo, devido ao fenômeno denominado pelo teórico de *romancização* dos outros gêneros – hibridismo de gêneros pelo qual o romance modifica os outros gêneros. Para Bakhtin (1993 p. 399), “o romance parodia os outros gêneros (justamente como gêneros), revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros, e integra outros à sua construção particular, reinterpretando- os e dando-lhes um outro tom.” Dessa maneira, o estabelecimento do romance como gênero predominante abalou os alicerces da literatura, uma vez que todos os gêneros *estáveis* “romancizaram-se”, isto é, sofreram modificações. Ao serem modificados pelo romance, gênero inacabado, os gêneros acabados (estáveis) tornaram-se

[...] mais livres e mais soltos, sua linguagem se renova por conta do plurilinguismo extraliterário e por conta dos estratos “romanescos” da língua literária; eles dialogizam-se e, ainda mais, são largamente penetrados pelo riso, pela ironia, pelo humor, pelos elementos de autoparodização; finalmente – e isto é o mais importante –, o romance introduz uma problemática, um inacabamento semântico específico e o contato vivo com o inacabado, com a sua época que está se fazendo (o presente ainda não acabado). (BAKHTIN, 1993, p. 400)

Entretanto, consoante argumentação do autor, não se pode explicar o fenômeno da “romancização” apenas pela influência direta e espontânea do gênero em si. Tal influência relaciona-se indissolavelmente à constante evolução da própria sociedade nele refratada. Logo,

[...] o romance é o único gênero em evolução, por isso ele reflete mais profundamente, mais substancialmente, mais sensivelmente e mais rapidamente a evolução da própria realidade. [...] é ele que expressa as tendências evolutivas do novo mundo, [...] ele contribui para a renovação de todos os outros gêneros, ele os contaminou e os contamina por meio da sua evolução e pelo seu próprio inacabamento (BAKHTIN, 1993, p. 400).

Para o filósofo da linguagem, “todo romance, em maior ou menor escala, é um sistema dialógico de imagens das linguagens, de estilos, de concepções concretas e inseparáveis da língua. A língua do romance não só representa, mas ela própria é objeto de representação.” (BAKHTIN, 1993, p. 371). Em virtude disso, o romance reúne, em seu interior, diversos gêneros discursivos. Essa peculiaridade única permite que o gênero se diferencie de todos os gêneros diretos, “do poema épico, da lírica e do drama em senso estrito. Todos os meios de representação e de expressão diretos, eles próprios também são gêneros que, ao entrar no romance, tornam-se um objeto de representação” (BAKHTIN, 1993, p. 371).

É, pois, mediante a análise das múltiplas linguagens, estilos e concepções, operantes, no romance, que o autor consegue, de forma notável, comprovar a necessidade de ir além dos gêneros literários, compreendendo-os como “formas *relativamente* estáveis de enunciados” (BAKHTIN,

2003, p. 262), que não se restringem à esfera literária, pois esta não é a única forma pela qual se pode compreender e interagir no mundo. A origem do romance evidencia a presença de gêneros de esferas não literárias, que, segundo argumentação do teórico, prepararam “o romance muito antes do seu aparecimento” (BAKHTIN, 1993, p. 371). Reiterando sua afirmação, ele explica:

[...] a palavra romanesca teve uma longa pré-história que se perde nas profundezas dos séculos e dos milênios. Ela se formou e amadureceu nos gêneros do discurso familiar ainda pouco estudados, da linguagem popular falada, e do mesmo modo em alguns gêneros literários e folclóricos inferiores. No seu processo de surgimento e desenvolvimento inicial a palavra romanesca refletiu a antiga luta de tribos, povos, culturas e línguas. (...) Na pré-história da palavra romanesca pode-se observar a ação de numerosos fatores, muito frequentemente, bastante heterogêneos. Do nosso ponto de vista, dois fatores foram os fundamentais: um deles – o riso, o outro – o plurilinguismo. (BAKHTIN, 1993, p. 371-372)

Por sua singular constituição, que permite, simultaneamente, um emaranhado de vozes sociais, em um mesmo enunciado, o romance é, para o teórico, o gênero que melhor expressa o dialogismo. Nele manifesta-se a consciência da realidade concreta da linguagem, que, consoante Fiorin (2008), perpassa toda a história da literatura. O romance, notadamente, configurado na Idade Moderna, é inacabado, situando-se no tempo presente, já que retrata uma realidade igualmente não acabada. Nesse prisma, opõe-se radicalmente à epopeia, que, conforme argumentação de Bakhtin (1993), anteriormente arrolada, volta-se ao passado mítico. A prosa romanesca, ao contrário, vincula-se à realidade externa, sendo, por isso, o gênero que melhor representa a sociedade contemporânea<sup>7</sup>.

As considerações aduzidas permitem o entendimento de que as condições de enunciação determinam a existência dos gêneros, jamais reduzidos à esfera literária, evidenciando, assim, a relevância do romance para o estudo dos gêneros discursivos, sob a ótica dos estudos linguísticos. A complexa heterogeneidade de vozes, estilos e linguagens, no romance, contrapõe-se à rigidez da *mimesis* aristotélica, que compreendia a arte como imitação da natureza, não como um processo de recriação. Em virtude disso, os gêneros eram concebidos sob seu caráter formal, buscando-se o estabelecimento de características fixas e imutáveis, que possibilitassem a imitação, pois quanto mais perfeita ela fosse, maior valor teria a obra. Bakhtin (1993) compreende que o romance não imita a realidade, ele a recria sob o olhar valorativo do autor-criador. Para o teórico, nenhum gênero da esfera artística, incluindo a literária, propicia uma mera imitação/representação da realidade.

Nessa perspectiva, “para Mikhail Bakhtin a prosificação da cultura letrada pode ser considerada um processo altamente transgressor, de desestabilização de uma ordem cultural que

<sup>7</sup> Contemporânea à época em que Bakhtin escreveu a obra. Consideramos que a palavra “moderna” revela-se mais adequada para uma leitura atual do texto. Ademais, mais adiante, questionamos o papel do romance, na pós-modernidade, como representante desse cronotopo.

parecia inabalável” (MACHADO, 2005, p. 152), a cultura grega. Nesse prisma, é possível afirmar, consoante argumentação de Silva, Santos e Duarte (2014), que a impossibilidade de se produzir epopeias, na era moderna, deu-se devido às grandes transformações pela qual o mundo passou. Conforme visto, essas mesmas transformações condicionaram a supremacia do romance, pois “somente o que evolui pode compreender a evolução” (BAKHTIN, 1993, p. 400). Além disso, para o teórico, ele “antecipou muito, e ainda antecipa, a futura evolução de toda literatura” (BAKHTIN, 1993, p. 400).

Não obstante a singular importância do romance para os estudos literários e linguísticos, notadamente para a teoria dos gêneros, assim como para a sociedade moderna, o gênero também enfrentou crises. Os tempos modernos, dos quais o romance tornou-se senhor absoluto, tornaram-se pós-modernos e passaram a reivindicar outros gêneros, de menor extensão e complexidade, mais condizentes com a liquidez dos dias atuais. Para atender tal demanda, ressurgiu o velho novo *conto*.

Explicitado, grosso modo, o processo de ampliação do conceito de gênero, fulcral para entendimento da constituição e funcionalidade dos gêneros discursivos, faz-se necessário destacar que, coadunando-se ao estilo bakhtiniano, o conceito de *gênero discursivo* desencadeou inúmeras leituras/releituras, que resultaram em diferenças terminológicas e conceituais.

### 3 GÊNERO DISCURSIVO OU GÊNERO TEXTUAL?

Dentre as categorias bakhtinianas, a noção de gênero, consoante anteriormente anunciado, tornou-se objeto de extremo interesse, nas esferas escolar e acadêmica, especialmente, no âmbito da Linguística Aplicada. Nesse contexto, nem todos os estudiosos diferenciam *gêneros discursivos* e *gêneros textuais*, terminologias empregadas por duas distintas vertentes, em voga, no atual estado da arte. Entretanto, há os que preferem um termo em detrimento do outro, por considerarem haver distinção entre os conceitos representados pelos mencionados termos. Brait (2007) ressalta que a complexidade/diversidade de terminologias, longe de ser um conjunto de modos diferentes para dizer a mesma coisa, revela perspectivas epistemológicas e metodológicas bastante distanciadas. Rodrigues (2004) destaca que, mesmo o emprego do termo *gêneros do discurso*, em diferentes pesquisas, não significa que os autores estejam abordando o mesmo objeto.

Rojo (2005) assinala que a designação “gêneros do discurso ou discursivos” é adotada por autores bakhtinianos, que centram seus estudos nos elementos da situação de produção dos enunciados, pois, para Bakhtin e seu Círculo, os gêneros e os enunciados a eles pertencentes não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos sem referência ao contexto sócio-histórico de enunciação. Ainda, segundo a autora, alguns dos autores da vertente que adota a terminologia

“gêneros de texto ou textuais”, ancora-se, dentre outros, nos trabalhos de Bronckart e Adam, autores que fazem releituras da herança bakhtiniana, dedicando-se à descrição da composição e materialidade linguística dos textos, na esteira da linguística textual.

As diferenças podem ser melhores visualizadas pelo seguinte quadro:

Principais diferenças entre Teoria dos gêneros discursivos e Teoria dos gêneros textuais

TEORIA DOS GÊNEROS DISCURSIVOS	TEORIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS
Ênfase na situação de enunciação.	Ênfase nas formas composicionais.
Gênero é um universal concreto decorrente das relações sociais e regulador das interações e discursos configurados em enunciados ou textos. (ROJO, 2005).	Gênero é uma entidade/noção vaga, que recobre uma família de similaridades e é percebido como um modelo canônico. “Usamos a expressão gênero textual como noção propositalmente vaga para referir os textos materializados [...]” (MARCUSCHI, 2002, p. 22).
O texto é a materialização do gênero como <i>universal concreto</i> .	A noção de gênero se confunde com a de família de textos.
Objetiva desvelar a significação, a acentuação valorativa e o tema, indiciados pelas marcas linguístico-enunciativas e pela forma composicional do texto.	Objetiva descrever a função ou a materialidade do texto/gênero por meio de unidades estáveis que o compõem, em especial, as sequências típicas ou os tipos de discurso.
Mantém uma postura crítica e dialógica com as teorias bakhtinianas, sem, no entanto, delas se distanciar demasiadamente.	Embora estabeleça uma aproximação com o discurso bakhtiniano, dele se distancia, havendo, em muitos pontos, praticamente, uma ruptura.
Em termos didáticos, busca definir um gênero a partir de regularidades e similaridades das relações sociais em uma esfera de interação social específica. Portanto, parte-se da análise, em detalhe, dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa para daí buscar as marcas linguísticas que refletem esses aspectos da situação. G	Em termos didáticos, busca definir um gênero colocando paralelamente vários textos, supostamente, pertencentes a ele e buscando assim regularidades formais ligadas à língua ou à função do gênero, tendo como “pano de fundo” o contexto de produção.
Principais autores nos quais se apoiam os trabalhos dentro dessa tendência: Bakhtin e seu Círculo, Holquist, Silvestre e Blank, Brait, Faraco, Tezza, Rojo, Rodrigues, etc.	Principais autores nos quais se apoiam os trabalhos dentro desta tendência: Bronckart, Adam, Marcuschi, Machado, etc.

Fonte: Adaptado de Figueiredo (2005, p. 46-47)

Cotejando as perspectivas, Rojo (2005) considera que a vertente dos gêneros textuais, ao aproximar as noções de gênero, texto e discurso, dilui a existência social do gênero enquanto *universal concreto*. Para a autora, conceber gênero como “noção vaga para referir textos materializados” propicia uma cisão na fronteira entre gênero e texto, distanciando-se,

expressivamente, da visão de enunciado ou texto como materialização de um universal igualmente concreto – o gênero. Dessa forma, a exemplo de outros autores, a abordagem sociocognitiva de Marcuschi distancia-se substancialmente das postulações bakhtinianas.

Na esteira de Marcuschi, argumenta Rojo (2005), Bronckart também se aproxima do conceito wittgensteiniano de gênero como *família de textos*. Para reconhecer tais famílias, então, prioriza-se a análise da textualidade do texto e as descrições de gêneros, por meio de sequências e operações textuais, caso de Marcuschi e Adam, e tipos de discurso, caso de Bronckart. Consoante ambos os autores, o gênero não é concebido como baliza das interações sociais, configuradas nos enunciados concretos, mas como uma designação convencionada, uma *noção abstrata*, representada no conhecimento dos agentes como um modelo canônico, padronizado. Segundo Rojo (2005), a ênfase na materialidade linguística, em detrimento das condições de enunciação, deve-se a leituras enviesadas e reducionistas da obra do Círculo, visto partir das considerações efetuadas no texto *Os gêneros do discurso*, no qual Bakhtin, desafortunadamente, emprega os termos *forma* e *tipo* para explicitar o conceito de gênero<sup>8</sup>.

Refletindo sobre o processo de assunção do conceito de gênero, na esfera escolar, no Brasil, Rojo (2008) ressalta que, com a adoção da concepção interacionista de linguagem, os PCN visavam propor novos rumos para o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, que deveria, então, ser feito com base nos gêneros. Entretanto, não foi bem isso que aconteceu. De acordo com Brait (1999), o documento Estrutura dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental, destinado aos professores da disciplina de Língua Portuguesa, possui imprecisões teóricas, uma vez que mescla gêneros discursivos, de perspectiva bakhtiniana, às sequências textuais, notadamente, na perspectiva postulada por Adam (2007). Disso resultou, consoante argumentação da autora, expressivas dificuldades para o professor, que ainda se encontrava (e se encontra, em muitos casos!) no movimento de transição entre o conceito de tipologia textual e os gêneros discursivos/textuais.

Rojo (2008) argumenta que as imprecisões acentuam-se, uma vez que os PCN também revozeiam a abordagem didática dos gêneros textuais da Equipe de Didática de Línguas da Universidade de Genebra (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004). No diálogo com essa proposta de didatização, o documento concebe o gênero como megainstrumento, apontando-o como objeto de ensino da disciplina de Língua Portuguesa. Por ser interpretada, de forma equivocada, a sugestão

---

<sup>8</sup> Conforme anteriormente assinalado, este não é o único texto do Círculo que versa sobre gêneros, mas, com certeza, é o mais disseminado. Rojo (2007) considera lamentável que a produção acadêmica em LA tome como referência quase que exclusivamente esse texto. Em virtude disso, dentre outras razões, julguei pertinente tecer considerações sobre o processo de ampliação do conceito de gênero operado pelos teóricos do Círculo de Bakhtin.

oficial conduziu a reducionismos: introdução de uma nova metalinguagem e o estabelecimento do gênero como modelo e referência.

Voltando aos PCN, Fiorin (2008) assinala que o documento contribuiu para o estabelecimento de leituras enviesadas, as quais propiciaram a elaboração de diversos livros didáticos que veem “o gênero como um conjunto de propriedades formais a que o texto deve obedecer” (FIORIN, 2008, p. 60). Nesse sentido, o gênero passou a ser um *produto* e seu ensino tornou-se, consequentemente, normativo. Na realidade, “sob a aparência de uma revolução no ensino de Língua Portuguesa está-se dentro da mesma perspectiva normativa com que se ensinava gramática.” (FIORIN, 2008, p. 60). Dialética e dialogicamente, o “novo” propiciou o retorno ao “velho” ensino pautado no conceito reducionista de gênero literário, que, inclusive, privilegiava o ensino gramatical desarticulado dos usos sociais da língua.

Em vista disso, no âmbito da atual Linguística Aplicada, vem sendo rediscutida a noção de gênero como objeto de ensino. Rojo (2008) argumenta que, ao se conceber o gênero como objeto de ensino, a tendência é reduzi-lo a uma abordagem de cunho estanque e prescritiva. Por isso, propõe uma abordagem, de natureza transdisciplinar, que priorize “os discursos em sociedade como práticas letradas em sua relação com as identidades dos jovens e com as culturas juvenis, numa abordagem curricular pós-crítica (Silva, 1999) e culturalmente sensível”. (ROJO, 2008, p. 100).

Corroborando a autora, Rodrigues (2005) ressalta que, para compreender a noção de gênero do discurso, na perspectiva bakhtiniana, faz-se necessário apreender o seu lugar e papel no conjunto das formulações do Círculo. Nas palavras da autora, isso implica:

[...] compreender a noção de gêneros a partir de fundamentos nucleares, como a concepção sócio-histórica e ideológica da linguagem, o caráter sócio-histórico, ideológico e semiótico da consciência e a realidade dialógica da linguagem e da consciência; portanto, não dissociar as noções de interação verbal, comunicação discursiva, língua, discurso, texto, enunciado e atividade humana, pois *somente na relação com esses conceitos pode-se apreender, sem reduzir, a noção de gêneros*. (RODRIGUES, 2005, p. 154, grifos meus)

Na visão dialógica do Círculo, a forma em si não cria nem define o gênero (RODRIGUES, 2005); nisso residia (e reside), conforme já comentado, o problema da crítica literária e da retórica em relação à classificação dos gêneros. Como muito bem postula Rojo (2013, p. 13), “o gênero em que se dá o enunciado não é, como querem alguns, apenas um formato”. Essa assertiva reforça a compreensão de que, em sala de aula, não podemos trabalhar apenas as propriedades formais dos gêneros, como tem acontecido em diversos contextos educacionais. Nas palavras da autora:

Nossas experiências, tanto na formação de professores como na análise das interações em sala de aula, orientam-nos na direção de um enfoque bakhtiniano. *Nossos professores de língua – seja por formação profissional, seja por falta de formação – são muito atraídos pela descrição de língua e pelo ensino de gramática.* Sempre fazemos sucesso na formação de professores quando discutimos as características formais e de estilo de um texto ou gênero, a partir de nossos instrumentos. Por outro lado, nossos alunos não precisam ser gramáticos de texto e nem mesmo conhecer uma metalinguagem sofisticada. Ao contrário, no Brasil, com seus acentuados problemas de iletrismo, a necessidade dos alunos é de terem acesso letrado a textos (de opinião, literários, científicos, jornalísticos, informativos etc.) e de poderem fazer uma leitura crítica e cidadã desses textos. Assim, parece-nos mais útil e necessário explorar com eles as características das situações de enunciação – relacionadas às marcas linguísticas que deixam como traços nos textos – que fazermos análises completas e exaustivas dos textos, introduzindo uma nova metalinguagem (ROJO, 2005, p. 207).

Comungando com o posicionamento da autora, Rodrigues (2005) assinala que a abordagem adotada pelos pesquisadores da vertente do gênero textual, de cunho, predominantemente, linguístico, não é suficiente para análise dos enunciados concretos, reais unidades da comunicação verbal. Por focalizar a descrição das propriedades formais dos gêneros e seus enunciados, a perspectiva teórica propicia um apagamento do caráter dialógico da linguagem e “da própria noção do que seja gênero: a sua dimensão social constitutiva, a sua plasticidade e a sua relativa estabilidade e normatividade” (RODRIGUES, 2005, p. 432).

No bojo dessas discussões, Rojo (2005) e Rodrigues (2005) consideram ser útil e necessário explorar as características das situações de enunciação, pois a existência de toda enunciação é determinada por uma situação de interação. E dessa situação de interação, situada e significada, em um determinado tempo-espço, emerge o enunciado concreto, que “mantém a conexão mais próxima possível com esta situação” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1976, p. 5). Todo enunciado, se considerado isoladamente, obviamente, é uma criação individual, “mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”. (BAKHTIN, 2003, p. 279, grifos do autor).

Na próxima seção, reportamo-nos ao texto *Os gêneros do discurso*, no qual o gênero *ampliado* é objeto central de análise. Segundo Peytard (1990, p. 18), trata-se do texto em que Bakhtin opera um refinamento de suas teses sobre a linguagem.

#### **4 CONSTITUIÇÃO E FUNCIONALIDADE DOS *TIPOS RELATIVAMENTE ESTÁVEIS* DE ENUNCIADO**

Por assumir, conforme mencionado, a dimensão interativa e dialógica da linguagem, na perspectiva da teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin, entendemos que as diferentes formas de interação humana são realizadas a partir das possibilidades oferecidas pela língua e só podem efetivar-se por meio dos gêneros discursivos, os quais se materializam em forma de

enunciados (orais e escritos) concretos e únicos proferidos pelos integrantes dos mais diversos campos da atividade humana (BAKHTIN, 2003).

Segundo Bakhtin (2003, p.282, grifos do autor), “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*”. Escolha esta que não se efetiva de forma arbitrária, uma vez que, no momento da enunciação, o enunciador, tendo uma finalidade previamente definida, adapta-a ao gênero discursivo que melhor atenda ao seu intuito discursivo. Portanto, é a enunciação (que possui vários elementos) que define o gênero adequado à construção do enunciado e a enunciação só se efetiva na interação verbal. Em virtude disso,

Os gêneros do discurso organizam a nossa fala quase da mesma forma que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar a nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. *Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível* (BAKHTIN, 2003, p. 302, grifos meus).

Por delinearem as formas de construção e acabamento dos enunciados, os gêneros discursivos desempenham importante papel na interação humana: 1) orientar o enunciador, em seu processo de elaboração discursiva, determinando as formas de construção e valoração de seu enunciado; 2) orientar o interlocutor no reconhecimento do acabamento do enunciado, demarcando os sentidos possíveis, no processo de recepção do discurso de outrem, e as formas e momento de réplica discursiva.

Nessa perspectiva, os gêneros, balizando as práticas sociais de linguagem, evitam o caos comunicativo; eles são formas de ação humana. Conforme posto, seria impossível estabelecer interação se enunciador e interlocutor não dominassem os gêneros do discurso, já que eles moldam os enunciados próprios, determinando o horizonte de expectativa quanto ao enunciado do outro. Portanto, para utilizar um gênero, de forma adequada à situação enunciativa, é preciso dominá-lo.

*Quanto melhor dominarmos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso* (BAKHTIN, 2003, p. 285).

Bakhtin (2003) assinala que o falante não recebe apenas as formas da língua (composição vocabular e a estrutura gramatical) obrigatórias para ele, “mas também as formas de enunciado para

ele obrigatórias, isto é, os gêneros do discurso: estes são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto às formas da língua” (BAKHTIN, 2003, p. 285). Mais adiante, o autor pontua que, comparados às formas da língua, os gêneros são bem mais flexíveis, mutáveis e plásticos. Não obstante, para o falante, eles possuem significado normativo, visto não serem criados por ele, na enunciação; eles lhe são dados historicamente. Em virtude disso, o teórico assevera que a construção do enunciado, em que se dá o gênero, embora possa refletir a individualidade do falante, não resulta da livre escolha das formas da língua.

Nesse prisma, em uma definição sintética, hoje clássica, Bakhtin (2003, p. 262) postula, conforme anteriormente anunciado, que os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, constituídos nas/pelas diversas esferas de atividade humana (esfera do cotidiano, escolar, acadêmica, literária, jornalística, publicitária, científica, religiosa, etc.). Consoante Rodrigues (2005, p. 164-165), “os gêneros se constituem e se estabilizam historicamente a partir de novas situações de interação verbal (ou outro material semiótico) da vida social que vão se estabilizando, no interior dessas esferas”.

Ao definir os gêneros como *tipos de enunciados relativamente estáveis*, o teórico estabelece uma relação dialética entre gênero e enunciado, uma vez que “olha os gêneros a partir da sua historicidade (eles não são unidades convencionais) e lhes atribui a mesma natureza dos enunciados (natureza social, discursiva e dialógica)” (RODRIGUES, 2005, p. 163). Em virtude disso, comungando com Rojo (2005), concebemos o gênero como um *universal concreto*, que possui uma função balizadora das interações verbais efetivadas nas distintas esferas de atividade humana. Dessa forma, os gêneros, mesmo possuindo a natureza socioideológica dos enunciados, constituem outra categoria enunciativo-discursiva, fulcral para o entendimento da complexa arquitetura bakhtiniana e, sobretudo, para as práticas sociais dos diversos campos da atividade humana.

Nesse prisma, consoante argumentação de Faraco (2009), “se queremos estudar o dizer, temos sempre de nos remeter a uma ou outra esfera da atividade humana, porque não falamos no vazio, não produzimos enunciados fora das múltiplas e variadas esferas do agir humano”. Mais adiante, o pesquisador declara: “se queremos estudar qualquer das inúmeras atividades humanas, temos de nos ocupar dos tipos de dizer (dos gêneros do discurso) que emergem, se estabilizam e evoluem no interior daquela atividade, porque eles constituem parte intrínseca da mesma” (FARACO, 2009, p. 126). Para o Círculo de Bakhtin, portanto, gêneros e atividades são mutuamente constitutivos; como já dito, os gêneros são formas de agir humano.

Nessa perspectiva, Faraco (2009, p. 127) ressalta: “Falar não é, portanto, apenas atualizar um código gramatical vazio, mas moldar o nosso dizer às formas de um gênero no interior de uma

atividade”. Por reconhecer o caráter dinâmico e maleável dos gêneros, Bakhtin (2003) não se impõe a tarefa de estancar o que flui, nem fixar o que se move, tampouco estabelecer limites claros para aquilo que é naturalmente impreciso. Fiorin (2008) destaca que, para Bakhtin e seus pares, não era importante a catalogação dos gêneros discursivos (o que seria impossível), uma vez que são incontáveis e amplos, tampouco a demarcação de todas as suas propriedades constitutivas, produzindo algo comparado a um dicionário de gêneros. Para o Círculo de Bakhtin, consoante anteriormente mencionado, o mais importante é compreender o processo de emergência e de estabilização dos gêneros, em uma determinada esfera social. Em outras palavras, é preciso entender por que determinado conteúdo é abordado, em uma determinada situação social de interação, e por que as esferas sociais da atividade humana constroem certos tipos de enunciados com determinada forma composicional e estilo – as marcas linguístico- enunciativas que, por serem específicas, conferem *relativa* regularidade aos gêneros.

Não obstante a singular relevância do contexto enunciativo para a análise dos enunciados concretos e a imprecisão de suas características, o Círculo não desconsidera os aspectos formais. Para Bakhtin e seus pares, todo gênero – tipo histórico de enunciado – é constituído de *forma* e *conteúdo*, não sendo um desses elementos, de forma isolada, responsável pelo delineamento das características de um determinado gênero. Em outras palavras, não se pode categorizar um gênero apenas por suas propriedades formais; todavia elas são importantes para a construção e acabamento dos enunciados.

Nesse prisma, Bakhtin (2003) postula três dimensões essenciais e indissociáveis para os gêneros: i) conteúdo temático; ii) construção composicional; iii) estilo. As três características, por conseguinte, devem ser examinadas à luz das condições de produção dos enunciados (quem fala, para quem fala, com que finalidade, em que época, local e suporte) e pela “*apreciação valorativa* do locutor a respeito do(s) tema(s) e do(s) interlocutor(es) de seu discurso” (ROJO, 2005, p. 196, grifos da autora). As dimensões, portanto, não são estanques, devendo ser articuladas, de forma dialética e dialógica, às especificidades de cada esfera social e às condições de enunciação. Nessa ótica, consoante argumentação de Machado (2005, p. 158), o Círculo confere aos gêneros do discurso a natureza não de uma forma linguística, “mas de uma forma enunciativa, que depende muito mais do contexto comunicativo e da cultura do que da própria palavra”. Em virtude disso, Bakhtin (2003, p. 287) assevera que os gêneros “são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua”.

Nessa perspectiva, o tema de um enunciado não diz respeito, apenas, ao conteúdo em si, mas ao domínio de sentido que emana do todo do gênero, a enunciação. Consoante Rodrigues (2005, p. 167), “todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e finalidade

discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação”. A autora assinala que o objeto discursivo, de natureza inesgotável, ao se converter em tema de um enunciado, reveste-se de sentido particular, “nos limites da intenção (vontade, propósito discursivo) do autor” (RODRIGUES, 2001, p. 43). “O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação”. (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1992, p. 132). Complementando o raciocínio, os teóricos ressaltam: “O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. *Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação*” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1992, p. 132, grifos meus).

Ainda sobre a primeira dimensão dos gêneros, os teóricos pontuam que não se deve confundir *tema* com *significação*. Esta, diferentemente do tema, diz respeito aos elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos. Assim, argumentam Volochinov/Bakhtin (1992), a significação da enunciação só pode ser analisada mediante o conjunto de significações vinculadas às formas fixas da língua que compõem o enunciado, enquanto produto da enunciação. Sintetizando, os teóricos postulam:

O tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. Bem entendido, *é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa*. Além disso, é impossível designar a significação de uma palavra isolada (por exemplo, no processo de ensinar uma língua estrangeira) sem fazer dela o elemento de um tema, isto é, sem construir uma enunciação, um “exemplo”. Por outro lado, o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia seu elo com o que precede e o que segue, ou seja, ele perderia, em suma, o seu sentido. (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1992, p. 133)

Na elucidação de Rojo (2005), os temas dos enunciados podem ser compreendidos como “conteúdos ideologicamente conformados”, que se tornaram comunicáveis, isto é, dizíveis, em uma situação específica e única, por meio do gênero. Na arquitetura bakhtiniana, como se pode perceber, conteúdo temático não é sinônimo de tema, nem de assunto. Sob tal enfoque, consideramos que, em contexto escolar, o que se deve priorizar, ao postular o desenvolvimento de um leitor/cidadão crítico, é o tema, em sua articulação com as formas fixas da língua, já que, consoante os teóricos russos, não há tema sem significação e vice-versa.

Em relação à construção composicional, Bakhtin (2003) postula que a dimensão, contrapondo-se à rigidez das formas estruturais, apresenta-se na fronteira entre a estabilidade e a flexibilidade. Ribeiro (2010, p. 60) elucida a questão, assinalando que a dimensão é “apropriada pela

forma arquitetônica, que está vinculada com o ‘projeto de dizer’ do locutor, constituindo o aspecto por assim dizer técnico da realização do gênero, contribuindo para distingui-lo diante de outros gêneros”. Segundo Bakhtin (2003, p. 301), a construção composicional constitui uma “forma padrão *relativamente estável de estruturação* de um todo”, podendo ser considerada a dimensão mais característica do gênero. Nesse prisma, a forma composicional diz respeito aos procedimentos de disposição, organização e acabamento dos enunciados, considerados na articulação com a situação enunciativa. Embora seja a dimensão que conserve maiores traços de regularidade, permitindo, na maior parte dos casos, o reconhecimento de um dado enunciado como pertencente a determinado gênero, ela também é suscetível a irregularidades, mudanças, uma vez que não é indiferente às interferências do contexto extraverbal da enunciação.

Sob tal enfoque, Rojo (2005, p. 196) entende a dimensão como “os elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero”. Para demonstrar o caráter maleável da forma composicional dos enunciados, Rojo (2013) destaca que os novos gêneros, denominados *multimodais* ou *multissemióticos*, surgidos em mídia digital, são exemplos de gêneros que apresentam várias instabilidades quanto à forma composicional. A pesquisadora explica que tais gêneros agregam, em sua forma composicional, diversas *modalidades*, que, devidamente situadas e significadas, em uma esfera de circulação, em um tempo e lugar históricos, conferem ao gênero uma relativa estabilidade. Depreende-se, assim, que a forma composicional dos novos gêneros sofreu uma significativa mudança: de um formato único/global para várias modalidades/formatos, constituindo a dimensão formal do gênero. Depreende-se também que, por meio da teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin, inicialmente pensada no contexto dos textos escritos, da esfera literária, é possível analisar enunciados concretos contemporâneos, multissemióticos ou multimodais, entendidos, segundo Rojo (2012), como textos que envolvem diversas linguagens, mídias e tecnologias.

No que concerne ao estilo, Bakhtin (2003) afirma que a dimensão diz respeito à seleção típica dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua. Segundo o teórico, “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos”. Estes, na argumentação de Bakhtin (2003), vinculam-se, profunda e indissolúvelmente ao enunciado e às formas típicas de enunciados – os gêneros do discurso.

Para Bakhtin (2003), a vinculação entre estilo e gênero é tão intensa que alterações no estilo de um gênero podem implicar modificações na dimensão composicional, resultando em um processo

de renovação/evolução do gênero, que, cedo ou tarde, culminará na existência de outro gênero do discurso. Nas palavras do teórico:

As mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolúvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso [...] Onde há estilo, há gênero. Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruímos e renovamos o próprio gênero. Desse modo, *tanto os estilos individuais como os que pertencem à língua tendem para os gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003, p. 267-268, grifos do autor)

De acordo com Bakhtin (2003), todo enunciado, em qualquer esfera social, por emergir de uma situação enunciativa única e irreiterável, é individual, podendo refletir a individualidade do enunciador. Nesse sentido, além de escolher, no processo enunciativo, o gênero que melhor atenda a sua intenção discursiva, o enunciador também seleciona os recursos linguísticos (textuais, lexicais e gramaticais) que permitam que o enunciado seja respondido. Consoante o autor, é por meio de sua expressividade que o enunciador retoma, amplia, contesta, questiona, enfim, modifica a fala alheia, permitindo que sua própria palavra-alheia seja, igualmente, respondida.

Não obstante, Bakhtin (2003) ressalta que nem todos os gêneros são propícios à manifestação da individualidade do enunciador. Para o teórico, nos gêneros da esfera literária, “o estilo individual integra diretamente o próprio edifício do enunciado, é um de seus objetivos principais” (BAKHTIN, 2003, p. 265); em decorrência, tais gêneros são mais favoráveis à expressão da individualidade<sup>9</sup>. Já os gêneros que requerem uma forma padronizada, como, por exemplo, os documentos oficiais e ordens militares, exceptuam, significativamente, o uso de um estilo individual.

Na concepção bakhtiniana, como se pode ver, *estilo* não se restringe ao estilo empregado pelo produtor do enunciado – estilo individual, mas a um estilo peculiar a cada gênero. Nesse prisma, sendo o estilo, associado ao conteúdo temático e à construção composicional, um elemento constitutivo do todo do gênero, determinado pela enunciação, Bakhtin (2003) ressalta que, na maioria dos gêneros discursivos, exceto nos artístico-literários, o estilo individual não se sobrepõe ao estilo genérico. Em virtude disso, o teórico classifica o estilo individual como um epifenômeno<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Considero que alguns gêneros, na atualidade, propiciam expressiva liberdade de estilo como, por exemplo, os gêneros da esfera jornalística e as autobiografias. Entretanto, entendo que os gêneros da esfera literária, ainda hoje, são bastante propícios ao desenvolvimento de um estilo individual que, em alguns casos, sobrepondo-se ao estilo geral, permite o reconhecimento do autor. O memorável Guimarães Rosa, dentre outros, exemplifica o mencionado.

<sup>10</sup> Fenômeno considerado complementar e inferior, que acompanha um outro visto como o principal e casual. Disponível em: <http://www.lexico.pt/epifenomeno/> Acesso em: 21/02/2015.

Ao estudar o gênero romance, Bakhtin (1993,) assinala que a estilística tradicional<sup>11</sup> não é suficiente para analisar o estilo presente no gênero. Nas palavras do autor: “a própria concepção de discurso poético, que se encontrava em sua base, eram inaplicáveis ao discurso romanesco” (BAKHTIN, 2010, p. 73). Por meio de uma análise atenta, consoante anteriormente discutido, o teórico demonstrou que a prosa romanesca constitui uma realidade pluridiscursiva, plurivocal e plurilinguística, que se opõe à estilística tradicional, a qual postula um discurso monológico. Em decorrência, o filósofo da linguagem postula: “a única estilística adequada para esta particularidade do gênero romanesco é a estilística sociológica” (BAKHTIN, 1993, p. 106).

Sob tal ótica, entendemos que, independente do gênero e sua respectiva esfera, o estilo é sempre dialógico, uma vez que todo enunciado reflete e refrata a vida, essencialmente dialógica. Segundo o teórico, “sem levar em conta a relação do falante com o *outro* e seus enunciados (presentes e antecipáveis), é impossível compreender o gênero ou o estilo do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 304). Nesse prisma, o estilo individual, assim como o gênero, é determinado pelas esferas de atividade humana, visto que “o estilo de um enunciado é o do gênero no qual o enunciado se encontra construído” (RODRIGUES, 2001, p. 43) e pelo contexto enunciativo. Corroborando a autora, Brait (2006, p. 94- 95) pontua: “o estilo tem a ver com o gênero, o que implica coerções linguísticas, enunciativas e discursivas, próprias da atividade em que se insere”.

A concepção bakhtiniana de estilo, como se pode perceber, desloca-se da forma composicional<sup>12</sup> para a forma arquitetônica<sup>13</sup>, visto que o estilo é determinado pelas relações dialógicas estabelecidas entre os interlocutores no processo de enunciação. Dessa forma, “o estilo e a composição do enunciado se determinam pelo conteúdo temático, pela atitude do falante face ao seu objeto do discurso, e também pelos enunciados alheios emitidos sobre o mesmo objeto (o discurso já-dito), com os quais o falante concorda ou discorda” (RODRIGUES, 2001, p. 45). Comungando com Brait (2006, p. 59), consideramos que estilo “implica interação, em qualquer atividade de linguagem e não apenas na atividade literária”.

Coadunando-nos à perspectiva sociológica do Círculo, entendemos o estilo como um conjunto de procedimentos de formação e de acabamento do homem e do seu mundo, determinando a relação com a palavra, uma vez que “um grande estilo representa acima de tudo uma visão do mundo e

<sup>11</sup> A estilística tradicional pauta-se em uma concepção de língua e linguagem como formas abstratas, separadas do aspecto social da enunciação.

<sup>12</sup> Rojo (2007) explica que a forma composicional diz respeito ao caráter estável, utilitário, “teleológico” – embora “inquieto” – disponível para realizar a tarefa arquitetônica.

<sup>13</sup> De acordo com Bakhtin (2003, p. 25), a forma arquitetônica refere-se às “formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social, histórica, etc.; [...] são as formas da existência estética na sua singularidade. [...] A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional”.

somente depois é meio de elaborar um material” (BAKHTIN, 2003, p. 208). Nesse sentido, o estilo, assim como outras categorias bakhtinianas, é uma construção dialógica, social e ideológica, que, “ao mesmo tempo, indica a expressão da comunicação discursiva específica do gênero e expressão pessoal do autor” (SOBRAL, 2009), uma vez que o enunciador mobiliza os recursos gramaticais, frasais, lexicais, que melhor atendam seu projeto enunciativo. Para Ribeiro (2010, p. 59)

A ideia de que o estilo é resultante tanto das escolhas individuais como da ordem modelada pela coletividade condiz com a premissa de que o sujeito não é assujeitado pelo meio, como também não age de maneira soberana, sem qualquer influência desse meio. A ação comunicativa se dá a partir da tensão das duas dimensões e, por conseguinte, é reveladora e geradora de aspectos da individualidade e da coletividade. Desse modo, o sujeito social se expressa e se forma através da linguagem.

Frente às reflexões sobre as dimensões constituintes dos gêneros, torna-se evidente o caráter maleável e dinâmico dos gêneros, visto haver, em todas as dimensões, uma relativa estabilidade. Refletindo sobre a relativa estabilidade dos gêneros, Sobral (2009, p. 17) postula: i) o gênero possui uma lógica orgânica; ii) o gênero apresenta linguagem própria; iii) o gênero não é rígido, mas dinâmico e concreto; iv) o gênero traz o novo (singularidade e instabilidade) articulado ao mesmo (generalidade e estabilidade). Por meio desses aspectos, o autor conclui:

[...] no percurso que vai do dialogismo ao gênero, há uma mesma concepção: a diferença e a semelhança, a mudança e a estabilidade, se acham em tensão permanente, no aqui e agora e ao longo do tempo, já que, para o Círculo, no mundo humano o ‘absolutamente novo’ é tão inconcebível quanto o ‘absolutamente mesmo’ (SOBRAL, 2009a, p. 118)

Na perspectiva bakhtiniana, consoante anteriormente mencionado, estabelece-se uma relação dialética entre enunciado e gênero – tipo histórico de enunciado –, uma vez que se atribui ao gênero a mesma natureza social, discursiva e dialógica dos enunciados. Os gêneros discursivos, então, na visão dialógica do Círculo, não são definidos por suas propriedades formais; a forma em si não cria nem define o gênero. (RODRIGUES, 2005). Os tipos históricos de enunciados constituem-se e funcionam dentro de determinadas esferas de atividade humana. Logo, as esferas sociais, balizadas pelas ideologias que as constituem, atuam como princípio organizador dos gêneros.

Por serem inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana, argumenta Bakhtin (2003), a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas, uma vez que cada esfera cria os gêneros necessários às suas finalidades enunciativas, que vão se modificando à medida que as esferas se desenvolvem no grande tempo. Dessa heterogeneidade advém a dificuldade de delimitar o caráter genérico dos enunciados. Não obstante, o teórico ressalta que, “de modo algum, se deve minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir

a natureza geral do enunciado”. (BAKHTIN, 2003, p. 263). Como forma de resolução do impasse, Bakhtin (2003) propõe que se atente para a diferença essencial entre os gêneros primários (simples) e os secundários (complexos).

Os primeiros constituem-se e circulam em esferas da vida cotidiana, constituídas pelas ideologias do cotidiano, ou seja, ocorrem em circunstâncias interacionais espontâneas, sendo, por isso, mais comuns na oralidade (conversa familiar ou com amigos, conversa telefônica, etc.), bem como em alguns tipos de escrita informal (bilhete, carta pessoal, e-mail, *chat*, etc.). Já os gêneros secundários surgem e funcionam em esferas de maior complexidade e organização, as quais são constituídas pelas ideologias sistematizadas e formalizadas<sup>14</sup>; em virtude disso, são mais comuns na forma escrita (romance, conto, editorial, poesia, artigo científico, reportagem, etc.). Consoante o autor, a distinção não é refratária: ambos os gêneros podem se imbricar e se transformar no grande tempo. Machado (2005, p. 155) elucida a questão:

Trata-se de uma distinção que dimensiona as esferas de uso da linguagem em processo dialógico-interativo. Os gêneros secundários – tais como romances, gêneros jornalísticos, ensaios filosóficos – são formações complexas porque são elaborações da comunicação cultural organizada em sistemas específicos como a arte, a política. Isso não quer dizer que eles sejam refratários aos gêneros primários: nada impede, portanto, que uma forma do mundo cotidiano possa entrar para a esfera da ciência, da arte, da filosofia, por exemplo. Em contatos como esses, ambas as esferas se modificam e se complementam. Assim, um diálogo perde sua relação com o contexto da comunicação ordinária quando entra, por exemplo, para um texto artístico, uma entrevista jornalística, um romance ou uma crônica. Adquire, assim, os matizes desse novo contexto.

Os gêneros primários e secundários, portanto, são interdependentes, à medida que ambos, situados e significados, transformam-se e hibridizam-se, na interação verbal. Ao tratar do processo de ampliação do conceito de gênero, conforme anteriormente arrolado, Bakhtin (1993) tece considerações sobre a *epopeia* e o *romance*, evidenciando a constante estabilidade/instabilidade dos gêneros, que resulta em inovação/conservação, o constante e dialógico embate entre diferentes signos ideológicos, movimentados na tensão entre forças centrípetas e centrífugas. O gênero, argumenta o teórico, “sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo” (BAKHTIN, (1993, p. 121).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto, emerge a compreensão de que o conceito de *gênero* não é algo novo para o mundo ocidental, visto que, nos primórdios da civilização grega, já se operava com a noção de gêneros,

<sup>14</sup> Volochinov/Bakhtin (1992) postulam haver duas diferentes manifestações do fenômeno ideológico.

compreendendo-os como um conjunto de propriedades formais, fixas e imutáveis, que permitiam o reconhecimento de um texto como pertencente a determinado gênero. Nessa perspectiva, Aristóteles postulava haver três gêneros: épico, lírico e dramático, os quais se tornaram o alicerce para o surgimento de outros gêneros, ou melhor, subgêneros. Por agruparem textos com características e propriedades comuns, os gêneros adquiriram um caráter normativo.

Segundo Aguiar e Silva (1976, p. 33, grifos meus), “o conceito de gênero literário tem sofrido múltiplas variações históricas desde a antiguidade helênica até os nossos dias e permanece como um dos mais árduos da estética literária”. Corroborando o autor, García (2010, p. 34) assinala que “a definição de gênero literário é diversa e envolve múltiplos caracteres na sua delimitação”. Samuel (2002) ressalta que, apesar de sua genealogia histórica longa, a teoria dos gêneros ainda não foi resolvida pela crítica. Para o autor, “a multiplicidade de nomes que o gênero assumiu – espécie, tipo, modo, forma – atesta a confusão que cerca este problema crítico” (SAMUEL, 2002, p. 42, grifos meus). Ainda segundo o teórico, o principal motivo para que haja discrepâncias a respeito da conceituação e classificação dos gêneros, sob a perspectiva dos estudos literários, parece residir na natureza e estado dos textos literários, que são multifacetados, em alguns casos, híbridos.

Silva (1976) pontua que a confusão era deveras significativa, a ponto de se questionar a real existência dos gêneros. Aceitando-se a existência deles, outras questões, igualmente complexas, emergiram/emergem: “Se existem, como deve ser concebida a sua existência? E qual a sua função, o seu valor?” (SILVA, 1976, p. 33). Para Samuel (2002), há muitas definições de gêneros, que acabam se complementando. Entretanto, várias perguntas ainda persistem: “Quantos gêneros há e de onde derivam? Os gêneros são considerados como categorias descritivas ou prescritivas? São formas infinitas, universais, que possuem alguma essência subjacente ou são condicionados historicamente e sujeitos a mudança?” (SAMUEL, 2002, p. 42).

Em resposta a esses e outros questionamentos, igualmente complexos, Bakhtin (2003) ressalta que a demanda resulta do fato de os gêneros literários, desde a cultura helênica até hoje, não serem compreendidos como tipos de enunciados relativamente estáveis, com características próprias, mas assentados sobre uma base linguística comum. Para o teórico, os estudos dos enunciados da esfera literária não levam em conta a natureza verbal dos enunciados, disso resultando um aparente caos. Por saber que todo enunciado é dialógico, torna-se compreensível que Bakhtin (2003) não chegou, sozinho, a essa conclusão

Diante das reflexões, aqui empreendidas, entendemos que os gêneros do discurso refletem as condições sócio-históricas da evolução da sociedade; evolução esta que não se coaduna à rigidez e “purismo” dos gêneros do campo da Poética e da Retórica. Em decorrência, Bakhtin (1993) postula

que somente um campo dialógico, que não privilegie as formas fixas e imutáveis, pode dar conta do processo ininterrupto de atualização e renovação das necessidades enunciativas dos seres humanos, consubstanciada nos tipos históricos de enunciado. É assim que surge a *Prosaica*, “esfera mais ampla das formas culturais no interior das quais outras esferas são experimentadas” (MACHADO, 2005, p. 154).

Segundo proposições dos teóricos do Círculo de Bakhtin, nessa dialógica esfera, num constante processo de vir-a-ser, dialogismo, os gêneros nascem, hibridizam-se e transmutam-se no grande tempo. Sendo assim, em concordância com Bakhtin (1993, p. 121), postulamos: “o gênero vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo.” (BAKHTIN, 1993, p. 121). Sob tal enfoque, de forma alguma, pode-se reduzir o gênero a um conjunto de características formais, fixas e imutáveis. Muito mais importante que a catalogação de propriedades linguístico-textuais, é a compreensão da constituição e funcionalidade dos gêneros como legítima expressão das infinitas formas do agir humano.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, J-M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 3. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- BRAIT, B. *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BRAIT, B. O estatuto dos gêneros no quadro do ISD: provocando o debate. In: GUIMARÃES, A. M. de M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A.
- (Orgs.). *O Interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas-SP: Mercado de Letras, p. 121-126, 2007.
- BRANDIST, C. *Repensando o círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro / Brasília: DP&A, 1998.
- CLARK, K; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2009. DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2004, p. 41-70.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FIGUEIREDO, L. I. B. *Gêneros discursivos/textuais e cidadania: um estudo comparativo entre os PCN e os Parâmetros em ação*. São Paulo, SP: PUC 2005. (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- FOWLER, A. Género y canon literario. In: GARRIDO GALLARDO, M. A. *Teoría de los géneros literarios*. Madrid: Arco, 1974.
- LUKÁCS, G. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2009.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão/SC, v. 6, n. 3, p. 547-573, set/dez. 2006.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopo e exotopia. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Org.) *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 203-234. MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto: 2005.

MEDVEDEV, P. N.; BAKHTIN, M. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MOISÉS, M. *A criação literária: prosa I*. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006. MOITA-LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MORSON, G. S; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: Edusp, 2008.

PAULA, L. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. *Revista Estudo da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jan./jun. 2013.

PAULA, L; STAFUZZA, G. Prefácio. In: PAULA, L; STAFUZZA, G. *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. PERFEITO, A.M. Gêneros discursivos, enunciados concretos, estilo e Plano de Trabalho Docente: uma possibilidade de abordagem da análise linguística no ensino médio. *Anais. VIII SELISIGNO E IX Simpósio de Leitura da UEL*, 22 a 24 ago. 2012.

PEYTARD, J. Evaluation sociale dans les thèses de Mikhaïl Bakhtine et représentations de la langue. *Langue française*, v. 85, n. 1 (Les représentations de la langue: approche sociolinguistique). 1990. p. 6-21. Disponível em:  
<[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr\\_0023-8368\\_1990\\_num\\_85\\_1\\_6174](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-8368_1990_num_85_1_6174)>. Acesso em: 15 nov. 2011.

RIBEIRO, P. B. *Funcionamento do gênero do discurso*. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 54-67, 1. sem. 2010.

RODRIGUES, R.H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do Círculo de Bakhtin. In: MEURER, J. L.;

BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

RODRIGUES, R. H. *A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo*. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001

ROJO, R. H. Gêneros do discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao trivium? In: SIGNORINI, I. (org.). *(Re)discutir gênero, texto e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 73-108.

SAMUEL, R. *Novo manual de teoria literária*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. SILVA, V. M. A. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

SILVA; A. F; SANTOS, J. R. O; DUARTE, P. C. O. Conto de fadas contemporâneo: uma sumária categorização e uma proposta de análise dialógica do conto sapomorfose, o príncipe que coaxava. In: DIAS, L. A. X; BRITO, L; GABRIEL, F. A. (Orgs.) *Linguística Aplicada e estudos do texto/discurso: diálogos com a língua e a literatura*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980. VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica (1926). In: VOLOCHINOV, V. N. *Freudism*. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. New York: Academic Press, 1976 (Circulação para uso didático).

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.